



## Nuances do feminino nos escritos de Paulina Chiziane

Feminine nuances in writings by Paulina Chiziane

Altamir Botoso<sup>1</sup>

**Resumo:** As literaturas africanas de língua portuguesa contam com poucas mulheres que se destacam e se tornam conhecidas num território predominantemente masculino e, nesse sentido, Paulina Chiziane pode ser considerada como exceção, uma vez que conseguiu projetar-se além das fronteiras de seu país e se tornou conhecida mundialmente. O objetivo deste artigo é traçar um panorama de suas produções (romances, contos, ensaio e poesia) e salientar os seus temas recorrentes. Como suporte teórico, utilizamos os estudos de Carvalho (2015), Costa (2016), Folador (2017), Freitas (2012), Macêdo e Maquêa (2007), Miranda (2010), Schmidt (2010). Em suas obras, independente do gênero, sobressai a preocupação com a figura feminina e os seus dilemas na contemporaneidade, revelando que os dramas e sofrimentos femininos são os mesmos, seja na África, seja na Europa, ou em qualquer parte do mundo.

**Palavras-chave:** Mulher africana; Paulina Chiziane; Autoria feminina; Literatura moçambicana; Literatura africana de expressão portuguesa.

**Abstract:** Lusophone african literatures have few women who stand out and become known in a predominantly male territory and, in this sense, Paulina Chiziane can be considered an exception, since she managed to project herself beyond the borders of her country and became known worldwide. The purpose of this article is to draw a panorama of her productions (novels, short stories, essay and poetry) and to highlight her recurring themes. As theoretical support, we used the studies by Carvalho (2015), Costa (2016), Folador (2017), Freitas (2012), Macêdo and Maquêa (2007), Miranda (2010), Schmidt (2010). In her works, regardless of gender, the concern with the female figure and her dilemmas in contemporary times stands out, revealing that the dramas and female sufferings are the same, whether in Africa, in Europe, or anywhere in the world.

**Keywords:** African woman; Paulina Chiziane; Female authorship; Mozambican literature; Lusophone african literature.

## Introdução

A escrita é um espaço de liberdade onde posso negociar a minha própria identidade, o que sou, o que faço, quais são os meus sonhos.

Paulina Chiziane

Quando lançamos nossos olhares para a literatura africana contemporânea, um fato chama a atenção: a escassez de mulheres escritoras. Dentre as poucas que conseguiram quebrar a hegemonia patriarcal e se firmaram como autoras de textos ficcionais destaca-se Paulina Chiziane. A respeito dos escritos dessa ficcionista, Eliane Costa ressalta a sua capacidade inventiva e o papel central da figura feminina em seus textos:

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e docente do Curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: abotoso@uol.com.br

Invenção inesgotável, esse parece o caminho que Paulina Chiziane [...] delineia para ler as mulheres de Moçambique. A autora [...] nos trará, em seus romances, outra forma de contar a tradição; tomando a perspectiva feminina como mapa para remontar os espaços de Moçambique. Pela escrita de Chiziane conheceremos lugares mais próximos ao coração do país; [...].

Paulina Chiziane experienciou as diferenças políticas inscritas em sua terra. Sua escrita traz pelo menos os três tempos históricos do país: o colonial, a independência e o pós-colonial. [...]

Sua história pessoal traz as marcas de um mosaico de culturas histórico-físico-culturais, sua escrita é desenhada por esses traços. Na sua literatura, encontra-se mais que um olhar comprometido com o presente; observa-se também uma ampla reflexão acerca da relação entre tradição e contemporaneidade, salientando o papel da mulher na construção das identidades de Moçambique contemporaneamente. (2016, p. 2)

A referida escritora dedica-se a amalgamar a história e a cultura africanas em suas produções ficcionais, dando ênfase, sempre, ao papel da mulher africana e seus dilemas na sociedade contemporânea. Levando em conta os fatores apontados, objetivamos elencar e comentar as obras escritas por Chiziane, com o intuito de salientar os temas mais frequentes de suas produções e instigar a leitura de uma escritora africana de grande qualidade e que, com sensibilidade e inventividade, vem se firmando como uma das vozes que reavalia e valoriza a figura feminina e a sua importância no universo cotidiano do continente africano.

Nascida em Gaza, na vila Manjacaze, Moçambique, no dia 04 de julho de 1955, Paulina Chiziane firmou-se como um dos nomes mais importantes das literaturas africanas de expressão portuguesa. O seu pai era operário e sua mãe, uma camponesa.

Quando tinha seis anos de idade, Paulina deixou a zona rural e mudou-se para Lorenzo Marques, atual Maputo, capital de Moçambique. Realizou a sua formação primária numa escola missionária católica, situada num bairro de pretos aculturados (FREITAS, 2012, p. 61), contudo, seus pais residiam em Chamacuto, um bairro habitado por pretos não aculturados. Dessa maneira, observamos que já na infância a futura escritora vivenciou e presenciou as idiosincrasias de uma sociedade multifacetada e imersa em contradições que persistem até os dias atuais.

Depois dessa fase de estudos, Chiziane iniciou o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, mas não chegou a concluí-lo. Atualmente, ela vive na Zambézia, considerada como uma zona nobre de Moçambique (FREITAS, 2012, p. 61).

Os críticos literários são unânimes em apontá-la como a primeira mulher moçambicana a escrever um romance. Apesar disso, ela não se considera como uma escritora, mas sim com uma contadora de histórias, conforme suas próprias palavras transcritas em entrevistas dadas a diversos veículos de comunicação.

## **Temas e peculiaridades de uma escritora moçambicana**

Paulina Chiziane é autora dos romances de *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1992), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *Na mão de Deus* (2013), um livro de contos, *As andorinhas* (2009), uma biografia do curandeiro Rasta Pita, *Por quem vibram os tambores do além* (2013), um texto sobre sua experiência de vida, *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo* (2013), e ainda escreveu *Ngome Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento* (2015) e *O canto dos escravizados* (2017).

Em “Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino”, Simone Pereira Schmidt enumera os pontos mais relevantes da escritura da ficcionista moçambicana:

Pode-se dizer que Paulina Chiziane recria uma memória coletiva que pertence às mulheres de sua comunidade, e é delas, muito particularmente, a sabedoria que se transmite de geração a geração. Nas narrativas de Chiziane, a ligação das personagens femininas à natureza também as faz portadoras de uma forma muito especial de sabedoria, que as coloca num estado de comunhão superior com todos os seres vivos, no qual se incluem não apenas os elementos da natureza, mas também as almas deste e do outro mundo, os espíritos dos vivos e dos mortos. O trabalho feminino, que consiste em manter e alimentar a vida, aproxima-se do tempo cíclico da natureza e imprime às histórias que se contam o ritmo do trabalho artesanal. [...]

[...]

Um outro aspecto a destacar no trabalho de Chiziane é a sua preocupação constante em representar os problemas vivenciados pelas mulheres de seu país. [...] Embora insista em dizer, repetidas vezes, que não se considera uma feminista, a escritora se dedica, particularmente em seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (1990), e em romances posteriores como em *Niketche* (2002) e *O alegre canto da perdiz* (2008), a representar as experiências femininas, marcadas pela desigualdade e pelo sofrimento. (2010, p. 320-322)

As linhas de força da escritura de Chiziane estão centradas em figuras femininas ligadas à natureza, ao mundo dos espíritos (das almas deste e do outro mundo) e em seus dramas existenciais, marcados pela dor e pelas grandes diferenças do papel de homens e mulheres na sociedade africana.

Tania Macêdo e Vera Maquêa (2007, p. 73) argumentam que Paulina Chiziane, em seus livros, explora temas relacionados à vida da mulher africana, percebendo-se um corte de ironia vincado na descrição de modos de vida e de visões restritivas que ainda se tem sobre a mulher e que o desconhecimento da África de língua portuguesa entre nós, brasileiros, é especialmente dramático, na medida em que grande parte de nossa “placenta cultural” origina-se no continente africano, muito especialmente nos espaços que, durante séculos integraram o então império colonial português. Ainda de acordo com as referidas pesquisadoras:

[...] um olhar, mesmo que bastante rápido sobre essa produção [literária], revela que são ainda poucas as escritoras com trabalhos publicados em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

[...] apesar da importância das mulheres na luta que levou à independência das jovens nações africanas e, posteriormente, na consolidação desses países, alguns assolados por sangrentas guerras civis, as vozes femininas são poucas nas literaturas africanas de língua portuguesa. As causas são as mais variadas, mas talvez pudéssemos avançar uma hipótese que aponta para a falta de visibilidade da produção escrita feminina, ou seja, essa produção existe – ainda que tímida – porém tem recebido pouca atenção da crítica especializada, o que leva muitas vezes ao seu silenciamento. Esse fato, aliado às difíceis condições de difusão do livro africano de língua portuguesa no circuito internacional e até mesmo no espaço lusófono, cria um desconhecimento do que hoje as mulheres têm escrito em África. (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p. 74-75).

É nesse cenário pouco propício à escritura de autoria feminina que surge Paulina Chiziane, com obras que tematizam o universo da mulher, com sensibilidade e um apurado estilo que mescla vocábulos de origem africana e termos da oralidade com a língua portuguesa imposta pelo colonizador; ela tece histórias de mulheres que, mesmo no papel de vítimas, conseguem reverter tal situação e apontam para soluções positivas, ressignificando e assinalando novas soluções para tal papel.

Direcionando-se especificadamente à Paulina Chiziane, Tânia Macedo e Vera Maquêa (2007, p. 75) reconhecem a escritora como um paradigma do papel da crítica na visibilidade da produção literária feminina, uma vez que somente nos dias atuais suas obras têm recebido mais atenção por parte de críticos e estudiosos das literaturas africanas.

De acordo com Macêdo e Maquêa (2007, p. 76), o sucesso de Paulina Chiziane somente ocorreu após o seu “descobrimento” na Feira de Frankfurt, ocasião em que os direitos de tradução do livro *Ventos do apocalipse* para o alemão foram negociados, e acertada sua publicação, em Portugal, por uma editora de renome como a Caminho Editorial, possibilitando visibilidade ao seu trabalho e permitindo a comprovação da qualidade de sua escrita.

Vera Maquêa e Tania Macêdo declaram ainda que os escritos de Chiziane são marcados pela tradição moçambicana, regatando costumes e lendas do povo africano:

Nos textos de Paulina Chiziane encontramos todo um universo de Moçambique, constituindo um mergulho em costumes, lendas e perspectivas de populações distantes do litoral e, portanto, com um maior afastamento da cultura ocidental, que predomina em cidades como a capital, Maputo. (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p. 75)

Notamos, dessa maneira, que a força da escrita de Paulina Chiziane centraliza-se na evocação da tradição – seja dos ritos e crenças, seja das maneiras de contar – como força propulsora para uma modernidade do relato, fazendo com que a memória e o tempo presente, da ancestralidade e da modernidade confluem em uma narrativa

bastante densa (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p. 81-82), reveladora de uma grande artífice da narrativa de autoria feminina em solo africano.

Por meio da observação atenta do que afirmam Macêdo e Maquêa (2007, p. 83), podemos considerar que as personagens femininas de Paulina Chiziane estão profundamente vinculadas à tradição, sofrendo-lhes as consequências, como é caso do costume ancestral do lobolo – o “dote”, que ainda persiste na sociedade moçambicana e em vários outros países africanos. Assim, a escritora em apreço retoma elementos da tradição africana para discuti-los, revelá-los para outros povos e nações, com o intento de conscientizar e modificar a realidade da mulher africana, arraigada ainda ao patriarcalismo e aos mandos e desmandos das figuras masculinas.

A escritora possui vários romances publicados, uma coletânea de contos e dois relatos autobiográficos. Em grande parte de sua ficção romanesca, a autora de *O alegre canto da perdiz* trata da condição feminina e suas relações com o universo multicultural e político de Moçambique e a mulher acaba sendo sempre o foco de discussão (FREITAS, 2012).

### **A prosa, a poesia e o ensaio de Chiziane: uma visão panorâmica**

Seu primeiro romance foi *Balada de amor ao vento*, publicado pela AEMO (Associação de Escritores Moçambicanos) em 1990. Essa obra foi reeditada pela Editorial Caminho, editora portuguesa, em 2003 (FREITAS, 2012, p. 68). A narrativa apresenta uma narradora em primeira pessoa, Sarnau que, conjuntamente com Mwando, protagonizam uma história de amor que problematiza questões como família, casamento, separação, traição, tradição. Além disso, esse romance pode ser considerado como uma longa viagem por cidades e aldeias de Moçambique, que dá visibilidade aos costumes e aos hábitos de um povo e de uma cultura ainda desconhecidos no outro lado do Atlântico (FREITAS, 2012, p. 68).

*Ventos do apocalipse* é o seu segundo romance, no qual a escritora procura enfatizar o questionamento das tradições, das diferenças culturais e de gênero, associadas aos valores disseminados pela modernidade ocidental em que tal questão é permeada de contradições e críticas, evidenciando os dissabores da nação africana e um dos efeitos dos conflitos nacionais é a guerra. De acordo com Sávio Roberto Fonseca de Freitas (2012, p. 69-70), Chiziane nos faz presenciar as vinte e uma noites de pesadelos e tormentos da guerra entre dois povos, os mananga e os macuáqua.

É possível estabelecer uma relação intertextual entre *Ventos do apocalipse* e a tragédia grega *Medéia*, de Eurípedes, uma vez que a personagem Emelina do romance mencionado mata os próprios filhos, assim como o fez a protagonista da peça do escritor grego.

O romance em epígrafe, dividido em três partes, não trata somente da tradição, mas também de sua modificação, dos fatores de sua desintegração, isto é, da sua ruptura (MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p. 76). Num palco de uma terra estorricada pela seca, a morte encena uma tragédia, auxiliada pela cobiça e orgulho de Sianga, um régulo (autoridade tradicional africana) que perdeu seus privilégios em virtude dos novos tempos de independência e planeja ações traiçoeiras para retomar o seu antigo *status*, auxiliado por Emelina, uma mulher que irá trair o seu povo e desencadeará ações

trágicas na narrativa. Além dela, outras personagens de destaque na história são Minosse, Wusheni, Massupai e todas elas “representam a força da mulher frente às dificuldades enfrentadas na guerra civil moçambicana” (FREITAS, 2012, p. 70).

O terceiro romance de Chiziane é *O Sétimo juramento*. Nesse relato, a escritora moçambicana concebe um narrador que centra a narração em uma voz masculina, David, um empresário bem-sucedido, o qual tem sua vida destruída por conta de um débito religioso com as tradições dos ancestrais de sua família. Os conflitos da tradição, segundo Sávio de Freitas (2012, p. 72), problematizam a evolução do homem moderno nessa obra. Moçambique é desvelado sob a ótica de uma tradição tribal que preserva uma realidade permeada por feitiços e magias, opondo magia negra, sonhos, pesadelos, luz e trevas, reveladoras de contrastes e contradições, em que as forças do bem e do mal se digladiam numa luta incansável entre tradição e modernidade. A realidade diária é posta em discussão por meio dos valores da tradição ao culto da ancestralidade.

Embora o relato mantenha o foco em uma figura masculina, David, as mulheres não são relegadas a segundo plano, como acertadamente afirma Sávio Roberto Fonseca de Freitas:

As mulheres de *O sétimo juramento* sofrem com os sentimentos advindos com a industrialização: Vera é a esposa de um marido ausente por conta de seu cargo de diretor geral; Claudia, secretária e amante de David, consegue se tornar a terceira esposa de David; a tia Lúcia é a dona do bordel em que David encontra Mimi, prostituta que se torna a sua segunda esposa; e por fim a mãe de David, personagem que funciona como a chave para desvendar os mistérios dos ancestrais para com seu filho. (2012, p. 72-73)

Observa-se que o protagonista masculino é envolvido por uma teia de relações nas quais as mulheres que entrecruzam o seu caminho – esposa, amantes, a mãe - são vitais para que ele consiga alcançar seus objetivos e evidenciam que a identidade moçambicana é algo em processo, na qual se inter-relacionam tradição e modernidade, além de outros temas relevantes para a compreensão do passado dos povos africanos, os quais são apresentados pelas vozes das personagens às quais fizemos referência.

Em seu quarto romance, *Niketche, uma história de poligamia*, a escritora focaliza os conflitos vividos pela personagem Rami em uma das instituições mais polêmicas do plano familiar: o casamento. Há uma grande tensão que se dá por conta do confronto entre a monogamia, fruto da orientação cristã, e a poligamia, tendência da tradição pagã de povos que se organizavam em sociedades tribais cujos chefes eram os velhos. Rami é a personagem que se destaca como protagonista do romance, casada com Tony, um alto funcionário da polícia, com quem já possui vários filhos, descobre que o marido além de ter outras mulheres, construiu famílias com elas. Casada nos moldes cristãos convencionais, ela vê sua vida se transformar em um drama do qual ela era apenas uma das personagens (FREITAS, 2012, p. 75).

Chiziane explora em *Niketche* uma série de temas já presentes em outras produções suas, pois utiliza a oralidade para tecer, numa única urdidura,

cultura, institucionalização, hipocrisia, comodismo, convenção, [e] a condição feminina no quadro das inteligências e dos afetos. A relação homem e mulher é colocada em discussão através do enraizado costume da poligamia na sociedade moçambicana. Rami se vê obrigada a observar as diferenças de seu país por meio das amantes de seu marido, o que se torna uma aventura interessante para o leitor pelo fato de o lirismo da narração da protagonista construir belíssimos cenários do norte e do sul de Moçambique. (FREITAS, 2012, p. 75).

Sejam do Norte, sejam do Sul, o mais interessante do romance é o fato de que Rami solidariza-se com suas rivais, ajuda cada uma delas a ter um negócio próprio e a tornarem-se independentes de Tony. A união feminina é mais um passo na direção da conquista da liberdade e da valorização da mulher africana nessa sensível e instigante história forjada pelas mãos de Paulina Chiziane.

O quinto romance da autora moçambicana é *O alegre canto da Perdiz*, o qual se encontra dividido em oito capítulos e narra a saga de duas personagens, Delfina e Maria das Dores, mãe e filha. A narrativa inicia-se com Maria das Dores, que depois de caminhar solitária por vários anos, em busca de seus três filhos, chega ao rio Licungo, onde toma banho nua, num claro desafio aos costumes do povo da vila Gurué. Ela é considerada louca, apedrejada e amaldiçoada pelos habitantes da vila.

Maria das Dores continua suas andanças pela cidade e mais tarde consegue encontrar seus filhos – Benedito, Fernando e Rosinha – os quais foram criados por uma freira, depois de serem resgatados por militares, durante o período da guerra colonial, nos montes Namuli, trinta anos atrás.

Delfina consegue ascender socialmente pelo casamento com o português Soares, no entanto, a sua felicidade não dura, conforme atesta Maria Geralda de Miranda:

Delfina consegue realizar o seu sonho de cinderela: casar-se com um branco, levar a vida de mulher branca. Ela é a perdiz que canta alegremente o fim da pobreza. Nesse momento, a história adquire o tom de “era uma vez”. Mas Delfina não consegue levar por muito tempo a sua vida de princesa. Até porque as histórias de Paulina são mais parecidas com a história de bruxas e Delfina não foi feliz para sempre. O português Soares era um colonizador sensível à problemática do colonizado. Havia em suas reflexões preocupações políticas e sociais. Ao perceber que a simplicidade e o cheiro da terra que ele amava em Delfina não existiam mais, resolveu partir, deixando-a solitária e amarga. (2010, p. 224)

Ao ser abandonada por Soares e com dificuldades financeiras, Delfina vende a virgindade da filha Maria das Dores, com treze anos de idade, para o feiticeiro Simba. Ela torna-se mãe de três crianças e, depois de sofrer bastante, foge com elas. Essas crianças serão criadas por uma freira, como já pontuamos e foram reencontradas por Maria das Dores trinta anos depois. Esse argumento é bastante semelhante ao da obra *A cor púrpura*, de Alice Walker, escritora negra estadunidense.

É somente com a perda de todos os filhos que Delfina começa a refletir sobre os seus atos, uma vez que depois da ação atroz de vender a virgindade da filha, abre um prostíbulo e começa a explorar a sexualidade infantil.

Sobre essa personagem e sua filha pesam tantos dissabores, que a infelicidade parece ser o único destino reservado a ambas:

Delfina realiza vários tipos de perversidades. Não tem honra, não tem moral, não tem piedade. Destruiu, com a ajuda de feitiçaria, a vida de José dos Montes e a do Português Soares, que tinha esposa e filhos. Mas a sua virgindade também foi vendida pela mãe em troca do chá e do açúcar. Foi prostituta do cais. Foi tratada como lixo e expulsa da igreja, por provocar nos padres idéias voluptuosas. T-eve filhos negros e mulatos, quase brancos. Foi pobre, foi rica, experienciou várias vidas, várias áfricas [...].

Delfina e Maria das Dores representam a própria Zambézia, espaço em que transcorrem as ações narrativas do romance. É a Zambézia deflorada pelo invasor, colonizada e assimilada. Mas é também a Zambézia da resistência, dos palmares de coco, dos montes Namuli, do berço da humanidade. [...] É a Zambézia de Maria das Dores, que preferiu a loucura à dominação de Simba. A terra da mulher do régulo [autoridade tradicional], que ao contar as histórias do matriarcado, vai destruindo a idéia de supremacia do colonizador. (MIRANDA, 2010, p. 225).

Apesar de todos estes acontecimentos trágicos, o sentimento de família prevalece e, no fim do romance, os filhos e José dos Montes reconciliam-se com Delfina e Maria das Dores perdoa e também se reconcilia com Simba.

Na ampla produção ficcional da primeira romancista moçambicana, segundo os críticos, devemos mencionar também o livro de contos *As andorinhas*. Tal obra é constituída de três contos, sendo o primeiro “Quem manda aqui?”, “Maundlane, o Criador” e “Mutola”. O livro é dedicado à memória de Ricardo Chiziane, e conta, ao final, com um pequeno glossário com termos da cultura Chope. Mas não é apenas da cultura Chope e das tradições do povo africano que falam os textos de Chiziane. Ao longo das suas narrativas, é possível identificar uma escrita em consonância com o amplo espectro da cultura universal, o que põe o conto da autora em um nível universal como fica evidenciado na constituição e abertura da obra (CARVALHO, 2015).

Vale ressaltar que referida obra é pautada pela simbologia da andorinha, e que o tema da liberdade perpassa a contística de Chiziane. No que concerne à qualidade literária, o primeiro conto consegue alcançar todos os detalhes, formais e conteudísticos, que se espera de um grande conto. Os dois contos seguintes, “perdem” no quesito estético-literário, mas ganham no quesito ético e moral; o que enriquece a literatura de Paulina Chiziane. Dessa forma, a literatura da autora de *Niketche* é um indicativo da boa literatura que vem de Moçambique (CARVALHO, 2015).

Em consonância com o que afirma Carlos Carvalho, seja no território da narrativa longa (romances), seja na narrativa curta (contos), verificamos que a autora moçambicana produziu “boa literatura”, que não se furta a discutir questões que inquietam e assolam a nossa contemporaneidade.



Em *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*, um ensaio, Chiziane busca apresentar um testemunho de sua trajetória como mulher e escritora moçambicana, problematizando as relações de gênero em seu país, e que é uma temática habitual de sua escrita ficcional.

Outro texto publicado por Chiziane é *Na mão de Deus*, uma obra de cunho autobiográfico que evoca a sua experiência durante um período no qual permaneceu internada numa ala psiquiátrica. Ao ficcionalizar tal experiência, Chiziane concebeu a personagem Alice, por meio da qual recriou e reviveu uma série de acontecimentos – perturbações físicas e psíquicas - ocorridos consigo mesma, quando permaneceu por uma semana em um hospital psiquiátrico. Dessa maneira, ficção e realidade imbricam-se, porque Chiziane reelaborou os fatos que vivenciou e os transportou para a esfera ficcional e também afirmou ter encontrado respostas para suas dúvidas e questionamentos tanto na esfera tradicional, quanto no espiritismo, asseverando que o seu internamento permitiu-lhe entrar em contato com uma faceta até então desconhecida, ou seja, a manifestação de sua “mediunidade”.

Embora se possa discordar das afirmações de Paulina Chiziane, é inegável o fato de que, também nessa obra, o protagonismo é feminino e se discutem questões e temas relacionados à mulher que vive no mundo contemporâneo.

Três obras lançadas por Chiziane, a partir de 2013, apresentam um aspecto recorrente, de acordo com Thiago de Araujo Folador:

Paulina Chiziane, ao publicar *Na mão de Deus* (2013) com a espírita Maria do Carmo da Silva, iniciou um trabalho de coautoria que teve continuidade em *Por quem vibram os tambores do além?*, com o curandeiro Rasta Pita, e com a terceira obra, *Ngoma Yethu – O curandeiro e o Novo Testamento* (2015), com a também curandeira Mariana Martins. Um importante aspecto percorre os três livros: o lugar dos médiuns e curandeiros em Moçambique e suas relações com a tradição. As obras mencionadas sugerem uma preocupação da autora com a temática da religião em seu país. [...] (2017, p. 403)

Além do papel preponderante da mulher, a religião também aparece como um tema frequente na escrita de Chiziane, desvelando o embate entre colonizador e colonizado, tradição e passado, “associados aos aspectos culturais e sociais das sociedades africanas” (FOLADOR, 2017, p. 404).

A consagrada escritora moçambicana, no ano de 2017, publicou *O canto dos escravizados*, obra na qual compôs uma canção para os ‘escravos’ deste século, fazendo apelos para a sua liberdade. O livro lembra a falta de liberdade a que estiveram relegados muitos escravos africanos, sobretudo nos séculos XVIII e XIX. A referida obra é composta por sete seções: testamento, canto de dor e de desespero, canto de resistência, transcendência, canto de liberdade, à volta da fogueira e canto de esperança. Trata-se de um texto em versos, mas a autora adverte que “qualquer semelhança com a poesia é pura coincidência”, diluindo, deste modo, as fronteiras entre as expressões artísticas.

Esse livro pode ser considerado como uma celebração da existência do negro, da dor, da alegria e da esperança, de modo a transformá-lo num diálogo entre o passado, o presente e o futuro e vem confirmar, mais uma vez, a versatilidade de Chiziane tanto no universo da prosa quanto no da poesia.

## Conclusão

Embora a mulher seja elemento preponderante na escritura de Chiziane, o tema da escravidão e da religiosidade também são questionados e se inserem indelevelmente em tal escritura, propiciando que o local atinja também o universal, ao se voltar para assuntos que precisam ser debatidos e re-interpretados, para se ampliar o conhecimento de situações que têm consequências nos dias atuais e para se evitar qualquer tipo de preconceito ou de sentimento de superioridade a respeito de qualquer povo ou nacionalidade.

Entendemos que o destaque dado às figurações femininas de Chiziane deva-se a uma maior conscientização da mulher e do seu papel na sociedade contemporânea. Nesse sentido, concordamos com Sávio Roberto Fonseca de Freitas (2012, p. 82), quando afirma que a obra da escritora moçambicana em sua totalidade toca no tema da condição feminina em Moçambique, a qual se torna um veículo para a discussão de vários temas relacionados ao universo feminino moçambicano no sentido de tensionar as relações culturais que permeiam o multifacetado universo da literatura africana dos dias atuais, marcado por conflitos relacionados à tradição e à modernidade dos povos de todas as partes do continente africano.

## Bibliografia

- CARVALHO, C. **As andorinhas**, de Paulina Chiziane. 15 agosto de 2015. Disponível em: <http://blogdocarloscarvalho.blogspot.com/2015/08/as-andorinhas-de-paulina-chiziane.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- COSTA, E. Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino. **Trem das Letras** – Revista do Depto. de Letras da Unifal-MG, v. 2, n. 3, 2016, p. 1-11. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/465>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- FOLADOR, T. de A. Reconciliar com o passado: articulações entre literatura e história em *Por quem vibram os tambores do além* (2013) de Paulina Chiziane e Rasta Pita. **Revista Crioula**, n. 20, 2.º semestre 2017, p. 401-422. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/137513>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- FREITAS, S. R. F. de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado em Letras, área de concentração: Literatura e Cultura). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2012.
- MACÊDO, T. e MAQUÊA, V. Paulina Chiziane, uma pioneira na literatura moçambicana. In: MACÊDO, Tania e MAQUÊA, Vera. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, p. 73-85. (Coleção

Literaturas de Língua Portuguesa / organizadoras: Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, v. 5).

MIRANDA, M. G. *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane - resenha. **O Marrare**. Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, UERJ, ano 10, número 12, 1.º semestre de 2010, p. 222-226.

SCHMIDT, S. P. Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino. In: SECCO, C. T., SEPÚLVEDA, M. do C. e SALGADO, M. T. (orgs.). **África & Brasil**: letras em laços, volume 2. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2010, p. 317-329.